

IDENTIDADE E ESPÍRITO - UM OLHAR FOTOGRÁFICO SOBRE CORPOS MADUROS

RAQUEL ROMEIRO ALVES¹; CARMEN ANITA HOFFMANN²

¹*Universidade Federal de Pelotas – rowanromeiro@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – carminhalese@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre imagens fotográficas feitas do grupo Baila Cassino e de turmas da Universidade Aberta à Terceira Idade, ambos grupos vem integrando atividades do projeto de extensão Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade. As fotografias que compõem este trabalho foram feitas entre Junho de 2017 até o momento da escrita deste trabalho, sendo essas fotografias de corpos maduros, em grande maioria de mulheres, que estão em contato com a dança no momento que foram fotografados. Além do ato de fotografar esses corpos, a autora aborda também a interação do fotografado com a câmera, a imagem corporal e social que corpos maduros têm diante do ato de serem fotografados, e da imagem que os fotografados têm de si mesmos. Além das fotografias já feitas a autora propõe também um ensaio fotográfico de ambos grupos, ensaio a ser feito no decorrer do período que esta se encontra vinculada ao projeto Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade e ao Grupo de Pesquisa OMEGA – Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte – UFPel/ CNPq, com resultados a serem apresentados durante a comunicação oral deste trabalho.

As reflexões propostas aqui tem como apoio teórico os livros *A imagem* (1993) e *O olho interminável* (2004) ambos escritos por Jacques Aumont. No primeiro livro, o autor analisa a estrutura da imagem visual desde a fisiologia do olho e a percepção visual até seus processos sociológicos que envolve o olhar através de representações estéticas e psíquicas ao longo do tempo; no segundo se fala sobre a mobilidade do olhar, que transfere sua atenção da pintura à fotografia, aplicando mais especificamente a fotografia dos corpos propostos neste trabalho. O olho interminável aborda relação entre a máquina fotográfica e a mobilidade do olhar que pode ser estabelecida dependendo do dispositivo. Se faz uso também do livro *O olho e o espírito* (2004) de Maurice Merleau-Ponty, o qual fornece a este trabalho uma visão do corpo observado, para isso faz uso da teoria do corpo vidente e visível, ou seja, um corpo que observa as coisas que o cerca, mas também observa a si mesmo e se reconhece. Assim, em *O olho e o espírito* se encontra a identidade do corpo que aqui se discute.

2. METODOLOGIA

Em 18 de Agosto de 1839 a fotografia é inventada por Louis Jacques Mandé Daguerre, responsável pela invenção e pela primeira impressão fotográfica,

processo que levou cerca de oito horas e ficou conhecido como daguerreotipia, homenagem ao nome de seu criador. Depois de sua invenção vários estudiosos e artistas, como Baudelaire, Picasso e mais tarde Walter Benjamin, tentaram desacreditar a fotografia como arte. Balzac acreditava ainda que a fotografia seria capaz de roubar a alma daqueles que eram fotografados, o que impediu que ele e seus discípulos fossem fotografados. Muito tempo após a invenção da fotografia, agora no século XXI, pessoas maduras vão criando uma relação com a fotografia, uma relação que tem participação da memória, identidade e imagem social de cada um individualmente. No processo de fotografar pessoas de terceira idade ocorreu à fotógrafa o processo de ser transformada em uma observadora do próprio processo. Cabe lembrar que Aumont (2004) coloca que “*o fotógrafo é esse ser, indubitavelmente novo no século XIX, que opera o encontro, a fixação do instante, com seus acasos. Se há revelação para ele, isso só acontece posteriormente, quando ele já se tornou novamente espectador*”.

Neste contexto pode-se observar que ao fazer as imagens dos dois diferentes grupos aqui citados, estes possuíam também uma relação diferente com o ato de serem fotografados. Algumas pessoas na turma da Universidade Aberta à Terceira Idade ao serem fotografadas questionaram o ato, uma das perguntas mais comuns fora a respeito da necessidade e o intuito de fotografar alguém “velho e de pele enrugada”, enquanto o grupo Baila Cassino gosta de ser fotografado e visto, apesar de que os ângulos da fotografia deste grupo deve ser antes pensado. Ambas as questões, de pensar o ângulo da fotografia ou o simples fato de fotografar uma pele assim dita “enrugada”, estão ligadas à imagem social que estes corpos maduros possuem dentro da sociedade, já que é mais comum estas pessoas verem jovens entre 25-30 anos, com um padrão estético e corporal que encaixe no padrão definido para moda e beleza de uma sociedade de consumo.

Em *A fotografia e o processo social da construção da memória* (2011) Sergio Luiz Pereira da Silva escreve que “*a imagem fotográfica é uma criação das formas sociais do olhar*”; assim, ao fazer essa relação entre o social e a imagem, este trabalho aponta também questões sobre como é definido socialmente a identidade de pessoas maduras, bem como também questiona o processo convencional que se espera da fotografia e de quem se pode ser fotografado. A identidade social que a terceira idade recebe também afeta a memória que estes possuem de si no ato de serem fotografados, o simples questionamento do fato de se fotografar corpos maduros define também o que o outro irá ver e memorizar. Como escreveu Merleau-Ponty (2004) “*o enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhecer no que vê então o "outro lado" de seu poder vidente*”, e ao propor este trabalho e as fotografias de pessoas madura a intenção da fotógrafa é de fazer estes perceberem que há uma identidade, memória e espírito além das marcas de expressão, da percepção social sobre o

envelhecimento, e que estas merecem serem documentadas fotograficamente, captadas como um momento duradouro de uma vida finita, mas memorável.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho em sua totalidade não apresenta resultados propriamente ditos, o que pode se observar diante do processo de fotografar pessoas maduras é que há diversos detalhes naturais e íntimos que a autora e fotógrafa necessita cautela, de modo que não se explore a imagem dos fotografados, bem, como também, não se fuja do projeto em que eles estão inseridos naquele momento. Mesmo com os cuidados a serem tomados é, necessário ainda, contar uma história, memória e identidade através da fotografia. Como dito anteriormente, vivemos em uma sociedade em que o envelhecimento não é visto como algo bonito ou mereça espaço para ser visto e compartilhado através de algo tão duradouro como a imagem fotográfica. Entretanto, há muito o que se observar nestes corpos, e quando inseridos dentro do projeto Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade há muito o que perceber sobre como eles vivem o momento do envelhecimento.



© Rowan Romeiro

Figura 1: ensaio espetáculo *A Galeria* - Fonte: por Rowan Romeiro – Acervo
Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade e Baila Cassino.

As fotografias feitas até esta parte do projeto representam um breve momento em que estes corpos maduros se encontram com a dança, seja em aulas na Universidade Aberta à Terceira Idade, ou em ensaios do grupo Baila Cassino para seu novo espetáculo. A memória, história e identidade é fotografada em momento único que, para a maioria, não foi algo constantemente presente. Pensando neste fato e pelo ato de conviver com as pessoas que integram o projeto se percebeu a necessidade de fotografá-los fora do contexto da dança, dando a essas pessoas uma segunda identidade que existe mas não se percebe durante os momentos fotografados até agora. Assim, se pretende continuar este trabalho, criar um vínculo entre fotografia e a identidade destas pessoas, e para tanto se propõem ensaios fotográficos com ambos os grupos, em ambiente aberto e que cada uma dessas pessoas possam serem retratadas individualmente e, se

quiserem e se sentirem confortáveis, revelarem algo que as identifique durante todos estes anos vividos.



Figura 2: aula na Universidade Aberta à Terceira Idade - Fonte: por Rowan Romeiro – Acervo Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade .

4. CONCLUSÕES

A finalidade deste trabalho foi demonstrar a importância da fotografia dentro do projeto Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade, de modo em que a fotografia represente um olhar de pessoas maduras além do que é esperado socialmente, ainda mais quando estes corpos estão dançando, e não praticam a dança como uma atividade física, mas como produtores de arte. Este trabalho pretende fazer despertar no corpo fotografado uma ideia de memória e identidade própria e que os faça perceber a beleza no envelhecimento. Ao refletir sobre as fotografias feitas durante o período que integra o projeto, a autora e fotógrafa percebe que não tem que comprovar teorias ou apresentar resultados, visto que a intenção sempre foi se permitir ver e ser observado pela fotografia, causando assim ao fotografado a possibilidade de aprender a olhar e admirar mais a memória e identidade do seu corpo em processo de envelhecimento. E para a continuidade deste projeto que envolve fotografia e maturidade, pretende-se mesclar a fotografia e palavras para contar sobre as belezas do envelhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMONT, Jacques. *O olho interminável*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993.
DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas: Papirus, 1993.
MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.
SILVA, S. L. P. *A fotografia e o processo de construção social da memória*. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 47, N. 3, p. 228-231, set/dez 2011.